

## A UEL e o Rio Tibagi: a História do Projeto Tibagi

Eliane Aparecida Biasetto

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo traçar um histórico do Projeto Tibagi. Este projeto surgiu no final da década de 1980 a partir de um convênio entre a Universidade Estadual de Londrina, o COPATI- Consórcio de Municípios do Rio Tibagi e a Empresa de Celulose Klabin. Nesta pesquisa almejou-se investigar as origens do projeto, os principais participantes e suas metas. Para melhor compreender a sua história, foi preciso realizar uma pesquisa sobre o envolvimento da Universidade na “era da ecologia”. Inicialmente vamos apresentar o contexto histórico do Projeto Tibagi, para que em seguida possamos expor a sua história. Apesar da sua importância para a Universidade, para os pesquisadores envolvidos, para cidade e para a formulação de conhecimento e paisagens sobre o rio Tibagi, são raras ou inexistentes pesquisas sobre a sua história. Neste sentido, uma pesquisa que procure recuperar o contexto histórico do seu surgimento, as motivações dos atores envolvidos e suas contribuições justificam-se plenamente. Para investigar o envolvimento da Universidade Estadual de Londrina na “era da ecologia” e para traçar um histórico do Projeto Tibagi, utilizamos como fonte a imprensa, mais especificamente o discurso jornalístico do Jornal Notícia, da universidade de 1989 a 2000. A obra de Maria Helena Rolim Capelato a “Imprensa e História do Brasil” contribuiu com análise da minha *fonte-jornal*. Segundo Capelato, a *fonte-jornal* é um importante documento para o historiador reconstituir o passado, no entanto, trabalhar com esta fonte, exige do pesquisador um método rigoroso de análise, para que o historiador não caia nas ideologias dos seus discursos. Para que isso não ocorra, é necessário que questionemos o documento jornal, buscando descobrir inicialmente as suas origens e seus objetivos, para que, em seguida, possamos analisar os seus discursos sempre comparando a outros documentos. A outra fonte que utilizamos para traçar um histórico do Projeto Tibagi são as entrevistas realizadas com os coordenadores do Projeto Tibagi. Estas entrevistas vão ser complementadas e confrontadas, com as informações sobre o Projeto Tibagi presente no Jornal Notícia da Universidade. Segundo Jorge Eduardo Lozano em seu trabalho “Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea” o historiador começou a enxergar a importância da fonte oral para produzir conhecimento histórico, quando percebeu que a oralidade permite fundamentar análises históricas. Segundo Daniele Voldman, em seu texto “Definições e usos” existem duas formas de se trabalhar com o documento oral um que confere maior importância à precisão factual e à informação e outro mais preocupado com o que revelam os interstícios do discurso. Neste trabalho, procuramos observar, na fonte oral, tanto os fatos que apresentam quanto as suas lacunas. O Projeto Tibagi perdurou por quase vinte anos, resultando em centenas de publicações e envolveu dezenas de pesquisadores. Suas atividades estiveram concentradas no Departamento de Biologia Animal e Vegetal, tendo a participação de outros setores como o de Geociências.

Palavras-chave: Cientistas, Projeto Tibagi, Universidade Estadual de Londrina, “Era da ecologia”.

## A “Era da Ecologia” em Londrina

No Brasil, assim como em outros países, a preocupação com a degradação ambiental não é um fenômeno contemporâneo, isto é, do último quartel do século XX. A emergência da era da ecologia no Brasil pode ser constatada, também, com o surgimento de movimentos ambientalistas com novas características nos anos de 1970. Uma das primeiras organizações desta nova etapa do ambientalismo no Brasil, segundo a maioria dos autores, foi a Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente Natural (AGAPAN), em Porto Alegre, em 1971, sob a liderança do engenheiro agrônomo José Lutzenberger. Outras organizações surgiram em diversas cidades brasileiras, como Movimento Arte e Pensamento Ecológico (Mape) em 1973 a Associação Paulista de Proteção Natural (APPN), em 1976, também em São Paulo, a Sociedade Cearense de Defesa da Cultura e do Meio Ambiente (SOCEMA) em Fortaleza–CE, em 1976 (NOTTINGHAM, 2006, p.45).

Neste quadro, podemos perceber a penetração e circulação do ideário da era da ecologia na cidade de Londrina no final dos anos de 1970, em especial a percepção da ameaça à natureza provocada pela ação humana e, por sua vez, os riscos que os humanos corriam com a poluição, em matérias publicadas pela imprensa; na constituição de organismos estatais e no surgimento da primeira associação ambientalista de Londrina: a Associação Paranaense de Proteção e Melhoria do Meio Ambiente (APPEMMA).

O rio Tibagi foi na cidade de Londrina, durante os anos de 1970 e 1980 motivo de muita discussão e polêmica devido ao projeto de captação de suas águas para o abastecimento da população das cidades de Londrina e Cambé. O projeto de captação foi formulado pela Prefeitura do município de Londrina no início da década de 1970 e previa o abastecimento de várias cidades. No final da década, quando o sistema de abastecimento de água já havia sido incorporado pela SANEPAR, o projeto começou efetivamente a ser considerado imprescindível. Foi este o motivo principal que desencadeou uma intensa movimentação na cidade de Londrina contra o projeto, envolvendo principalmente o nascente movimento ambientalista e os movimentos sociais. O principal argumento dos opositores era de que o rio estaria poluído pelos “agrotóxicos”, usados na expansão na agricultura e, também, pela existência da empresa Klabin no alto Tibagi.

Neste contexto, o do surgimento da “era da ecologia” as denúncias e ações de combate a poluição começavam a se tornar mais efetivas e amplas. Surgiam as associações ambientalistas, órgãos governamentais especializados e legislação específica. Além das denúncias, começaram movimentações no sentido de recuperação dos ecossistemas degradados, que no caso do rio Tibagi resultou em movimentos como Pró-Tibagi em 1983 do qual, mais tarde, nasceria o COPATI. Os Consórcios surgiram na década de 1980 como formas de recuperar várias bacias hidrográficas degradadas, como a do Capivari-Jundiá em São Paulo.

No decorrer da década de 1980, as ações e denúncias contra a poluição da natureza começaram a se tornar mais significativas na cidade, pois neste período órgãos governamentais especializados e legislações específicas sobre as questões ambientais foram criados. Para a recuperação do ecossistema já degradado, como no caso do Rio Tibagi, foram criados, nos anos 80, alguns projetos. Entre eles, surge o Projeto Tibagi, a partir de um convênio entre a Universidade Estadual de Londrina, o COPATI e a empresa de celulose Klabin, em 1989, como o objetivo de recuperar e preservar a bacia do rio Tibagi. Este projeto perdurou por quase vinte anos, resultando em centenas de publicações e envolveu dezenas de pesquisadores. Suas atividades estiveram concentradas no Departamento de Biologia Animal e Vegetal, tendo a participação de outros setores como o de Geociências.

## **A História do Projeto Tibagi**

Após ter contextualizado o período do surgimento do Projeto Tibagi, vamos agora apresentá-lo traçando um histórico e, em seguida, refletiremos sobre as motivações dos autores envolvidos no projeto. Para investigar a história do projeto, utilizamos principalmente como fonte a imprensa, ou seja, o discurso jornalístico sobre o Projeto Tibagi, presente no Jornal Notícia da UEL, dos anos de 1989-2000, cujo documento registrou a participação da UEL ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Também analisaremos as entrevistas realizadas com dois coordenadores do projeto, que trouxeram informações importantes sobre as origens, estruturas, meta, principais participantes, entre outras informações. Temos conhecimento de que existem outras fontes importantes sobre o Projeto Tibagi para serem analisadas. No entanto, as documentações elencadas já respondem às minhas indagações, ficando os demais materiais para futuras pesquisas.

## **Apresentando as Instituições do Convênio**

O Projeto Tibagi surgiu no final da década de 1980, a partir de um convênio entre a Universidade Estadual de Londrina, o COPATI- Consórcio de Municípios do Rio Tibagi e a Empresa de Celulose Klabin.

A Universidade Estadual de Londrina, localizada no município de Londrina no estado do Paraná, foi criada em 1970 a partir da junção de cinco universidades que já existiam na época: a Faculdade Estadual de Direito, Faculdade Estadual de Filosofia e Letras, Faculdade Estadual de Odontologia, Faculdade de Medicina do Paraná e a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas e Contábeis. A UEL deu início às suas atividades com um total de 13 cursos: História, Geografia, Letras Anglo-Portuguesas e Letras Franco-Portuguesas, Pedagogia, Ciência, Direito, Odontologia, Medicina, Farmácia e Bioquímica, Ciências Biomédicas, Ciências Econômicas e Administração. O curso de Ciências Biológicas foi implementado somente dois anos após a criação da universidade, ou seja, em 1972<sup>1</sup>. Atualmente, a UEL oferece 42 cursos de graduação distribuídos em nove centros (CCA, CCB, CCE, CCS, CECA, CEFE, CESA, CLCH e CTU), desenvolvendo inúmeros projetos de pesquisa e extensão.

O COPATI- Consórcio de Municípios do Rio Tibagi é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, criado em setembro de 1989, por meio da junção de vários municípios banhados pela bacia do Rio Tibagi. O Consórcio nasceu com o objetivo de atuar em relação à preservação e à recuperação da Bacia do Rio Tibagi. Hoje é financiado por 33 municípios localizados dentro da bacia do Rio Tibagi e por 15 empresas privadas; o consórcio também recebe apoio de associações de municípios e instituições públicas, como universidades<sup>2</sup>.

A história da empresa de celulose Klabin no Brasil começa em 1989 com a chegada de Maurício Freeman Klabin ao país, que um ano depois cria, em São Paulo, a empresa M.F.Klabin e Irmão, tipografia e casa importadora de artigos para escritório. A empresa, aos poucos, foi se espalhando para outras regiões; em 1920, é instalado um novo escritório da empresa no Rio de Janeiro, então Capital Federal, com Wolff Klabin à frente dos negócios. Em 1934, começa a sua história no Estado do Paraná, período em que a companhia adquiriu o espaço da Fazenda Monte Alegre, localizada inicialmente no município de Tibagi, para instalar a primeira fábrica integrada do Grupo e do país, denominada Indústrias Klabin do Paraná<sup>3</sup>. Com o desenvolvimento urbano provocado pela empresa na região em torno da fábrica, devido à construção da usina hidrelétrica de Presidente Vargas, em 1953, de um aeroporto que fazia a rota aérea regular entre São Paulo, Monte Alegre, Curitiba e vice-versa e da construção de uma barragem no rio Harmonia para adquirir água limpa para o

abastecimento de água na indústria, ocorre em 1964, a emancipação deste território, que passou a ser chamado de Telêmaco Borba. Surge assim, mais um novo município no Estado. Hoje a Klabin é a maior produtora e exportadora de papéis do Brasil<sup>4</sup>.

### **Apresentando o Espaço de pesquisa do Projeto Tibagi**

Voltando a falar sobre o Projeto Tibagi, é importante ressaltar que o objetivo do projeto era desenvolver pesquisas para a recuperação e preservação ambiental da bacia do rio Tibagi. Vejamos, então, um pouco das características naturais desta bacia. O rio Tibagi percorre todo o Estado do Paraná de sul a norte, atravessando o primeiro, o segundo e o terceiro planaltos paranaense até a sua foz no rio Parapanema, que fica na fronteira entre os Estados do Paraná e São Paulo. A bacia é dividida em duas sub-regiões: o alto e o baixo, por apresentar em partes do seu extenso curso, algumas especificidades físicas, biológicas e sociais.

O alto Tibagi é a região conhecida como Campos Gerais, onde encontramos o domínio da estepe gramíneo-lenhosa, com variação ligada à profundidade do solo e às condições de drenagem; nas regiões com depressões maiores encontramos a floresta ombrófila mista. O baixo Tibagi: sua vegetação era originalmente a floresta estacional semidecidual, que foi desaparecendo em virtude do intenso uso do solo pela agricultura, desde os anos de 1930. Antes da degradação da mata, esse ecossistema formava uma junção com a floresta ombrófila densa desde a costa atlântica brasileira, fazendo parte do bioma das florestas tropicais, como podemos ver no mapa da vegetação da bacia do Rio Tibagi. Essa região entre as três bacias é a que mais apresenta solos férteis, por causa do derramamento de lavas básicas. Este tipo de solo, denominado de latossolo roxo, com um clima tropical úmido, explica o porquê do intenso uso do solo pela agricultura (STIPP, 2002, 39-45). Além da devastação das matas, o rio também foi poluído devido ao intenso uso de agrotóxicos nas lavouras de cafés e, depois, em outras plantações. A empresa de celulose Klabin também contribuiu significativamente com a degradação do rio, principalmente nas primeiras décadas de sua produção, quando não havia definitivamente uma consciência ambiental no Brasil.

### **O Projeto Tibagi**

O Projeto Tibagi foi criado no ano de 1989 e segundo as fontes analisadas, duas foram as suas principais motivações: a primeira é fruto de campanhas políticas e envolve os agentes que levaram à formação do Consórcio de Municípios do Rio Tibagi- COPATI, em setembro 1989; a segunda motivação é resultado das políticas ambientais, que afetaram diretamente a empresa de celulose Klabin.

Em 1989, José Maria Ferreira é eleito prefeito da cidade de Ibiporã e de acordo com o primeiro coordenador do Projeto Tibagi, Moacyr Eurípedes Medri<sup>5</sup>, este prefeito teria feito, no decorrer de sua campanha, promessas de aumentar a quantidade de peixes do Rio Tibagi para as colônias de pescadores da região. Neste mesmo ano, a empresa de celulose Klabin teria sido multada pela Superintendência de Recursos Hídricos e Meio Ambiente-SUREHMA, que hoje é o Instituto Ambiental do Paraná-IAP<sup>6</sup>. No entanto, o Estado, não satisfeito com a aplicação da multa, exigiu que a empresa participasse também de atividades de preservação da bacia do Rio Tibagi.

[...] a klabin é multada e nesta multa há uma disposição do estado em fazer com que ..., o estado entende que só a multa não bastaria precisaria .... ok a multa mas que tivéssemos uma ação em cima do Tibagi [...]. O Roberto Bacarin era o presidente da SUREHMA [...], o prefeito de Ibiporã era o Zé Maria Ferreira [...]. Eles conversam [...] com Álvaro Dias [...] eles então pensam em uma associação [...]. (MEDRI, 2010).

Para o segundo coordenador do projeto entrevistado, Francisco Striquer Soares<sup>7</sup>, o fator que levou a participação da Klabin no Projeto Tibagi foi o fato de existirem problemas ecológicos com o mercado internacional. Desde o início da expansão da Era Ecológica, na década de 1970, em todo mundo, alguns países começaram a criar mecanismos para obrigar outras nações a também se preocuparem com o meio ambiente. Um destes mecanismos era importar produtos de empresas estrangeiras que tinham qualquer ação que contribuísse com a preservação da natureza. Como a Klabin não se preocupava com a ecologia, começou a perder clientes do seu mercado internacional.

[...] estamos falando de final de 88, quando nos começamos a encontrar nos jornais e nível internacional uma preocupação com a ecologia, [...]. E a Klabin começou a perder clientes internacionais, por que não investiam em ecologia, eles precisavam de por dinheiro para ter essa faixa de que se preocupavam com a ecologia [...]. (SOARES, 2010).

Analisando o discurso da imprensa, “... veículo de divulgação de idéias, que atua junto á esfera pública, servindo de difusor de projetos de grupos para a coletividade...” (ROMANELLO, 1998, p.107) foi possível perceber o uso que a empresa Klabin fez deste meio de comunicação para criar a imagem de uma empresa preocupada com questões ambientais. Então, segundo Mario Pazinotto, gerente do Departamento de Comunicação Social da Klabin, em uma entrevista dada ao Jornal Notícia da UEL<sup>8</sup>, o motivo da participação da Klabin no projeto é devido à sua preocupação com a conscientização ambiental, uma vez que o nível de poluição da empresa respeita os parâmetros estabelecidos pela SUREHMA.

Garantindo que o nível de poluição que a Klabin causa hoje ao manancial esta dentro dos parâmetros estabelecidos pela Surehma, Mario Pazzinotto disse que pela a representatividade que a Klabin tem a nível nacional, como primeira empresa de papel e celulose do país, sua disposição em apoiar um projeto de tanta importância para a ecologia pode servir de exemplo a outras industrias poluidoras. “Estamos preparados para nos engajarmos nessa luta e entendermos que a conscientização vale mais do que o repasse do dinheiro” [...]. (Jornal Notícia da UEL, 1989, p.3).

De acordo com as entrevistas, podemos dizer que ambos os motivos apresentados por Medri e Soares levaram a empresa Klabin a participar do Projeto Tibagi, pois a pressão governamental para preservar o meio ambiente era tanto externa quanto interna. A pesquisa de Queiroz, (2005) mostra quando as nações passaram a se preocupar com um desenvolvimento sustentável, como também revela o porquê da necessidade do mercado internacional importar produtos produzidos ambientalmente corretos.

Com o fortalecimento dos movimentos ambientais durante os anos 80, os Governos Nacionais passaram a incorporar novos instrumentos na condução de suas políticas públicas de forma a buscar compatibilizar crescimento econômico e preservação do meio ambiente.

Em regiões como a Europa Ocidental, EUA e Canadá, paralelamente aos esforços empreendidos no âmbito governamental, observa-se o crescente engajamento da população que, cada vez mais consciente e integrado a temática ambiental, passa a privilegiar o consumo daqueles produtos que apresentem os menores danos possíveis ao meio ambiente. (QUEIROZ, 2005, p.1).

Este projeto foi esquematizado para ser realizado em três etapas, com a duração de doze anos. A primeira etapa tinha como objetivo fazer um levantamento da fauna e da flora da região; na segunda etapa, foram realizados estudos para entender a relação da comunidade biológica com o ambiente; na última etapa, buscaram criar propostas para a recuperação ambiental da bacia<sup>9</sup>. A Universidade Estadual de Londrina ficou com a função de executar o projeto, o COPATI incumbido de desenvolver o projeto junto à comunidade e a Empresa de Celulose Klabin ficou responsável pelo financiamento do projeto. Para o desenvolvimento de

todo o projeto foi estimado, inicialmente pelos pesquisadores da UEL, o valor de um milhão de dólares.

Durante o desenvolvimento do projeto, o Jornal Notícia da UEL registrou todas as suas fases. As reportagens trazem principalmente informações sobre as realizações do projeto e dos seus financiadores, pois o seu objetivo é mostrar tanto para a comunidade acadêmica, como para o restante da população de Londrina e região, o importante papel da Universidade no desenvolvimento deste projeto. A Klabin foi a primeira empresa a financiar o projeto e, até a sua participação, investiu mais de 620 mil dólares. Com este dinheiro, segundo Medri, foram adquiridos equipamentos de laboratórios, pagaram-se despesas com a realização de trabalho de campo e construíram o centro de piscicultura da UEL e o viveiro de mudas nativas florestais, “[...] com esse valor nos poderíamos fazer algumas coisas, comprar livros para as equipes, microscópios, espaço físico ... estação de piscicultura [...] um viveiro de plantas e viveiros em todos os municípios” (MEDRI, 2010).

Alem da Klabin, o projeto contou com o apoio de mais dois financiadores. Uma das funções do COPATI foi buscar mais recursos para o projeto. Em 1994, intermediado pelo Rotary Club Londrina Shangri-la (Jornal Notícia UEL, 1994, p.5), a UEL assinou um convênio com o Unibanco Ecologia<sup>10</sup>, que tinha como objetivo repassar à universidade quatro parcelas de 2,5 mil dólares (um total de 10 mil dólares), para a implementação do viveiro de mudas nativas do departamento de agronomia. Em 1997, a Finep- Financiadora de Estudos e Projetos destina ao projeto o valor de 499.202,08 mil reais para serem gastos durante dois anos.

O desenvolvimento do projeto teria contado com a ajuda de vários departamentos de pesquisas da UEL; além da Biologia, o projeto apresentou vínculos com a Química, a Geociências, a Fisiologia e outros. Parece que durante o seu desenvolvimento, houve três coordenadores gerais: o primeiro Moacyr Eurípedes Medri, o segundo Francisco Striquer Soares e o último Luiz dos Anjos. Eles procuraram organizar o projeto, de modo geral, em sub-projetos e estes possuíam os seus sub-coordenadores, que tinham os seus pesquisadores, bolsistas, estagiários e, às vezes, técnicos.

Segundo os depoimentos, para os pesquisadores de vários sub-projetos ficarem à par dos resultados das pesquisas, eram realizadas reuniões mensais com todas as áreas; havia também reuniões de campanhas de coletas, em que cada área discutia as atividades que seriam realizadas em uma expedição. Também eram feitos relatórios semestrais, para que o projeto continuasse recebendo as verbas. Cada subárea tinha que apresentar os seus balanços para a Klabin e para o COPATI. Alguns órgãos governamentais também eram convidados a participar das reuniões ou seminários do projeto, como a secretaria de agricultura, Iapar, Embrapa e Sanepar. Além desses relatórios, havia também um relatório contábil, que era feito por um funcionário escolhido pela a universidade. Ele ficava junto aos coordenadores, preparando o relatório, que tinha que ser entregue mensalmente à Klabin, relatando todos os gastos adquiridos com o desenvolvimento do projeto. Ao final de cada fase do projeto, era realizada uma reunião para discutir tanto os aspectos científicos quanto os administrativos. Segundo Soares, dificilmente nas reuniões, palestras ou seminários era discutido, com o representante da Klabin, o nível de poluição gerado pela empresa, em virtude de seus representantes serem sempre do departamento administrativo ou das relações públicas, pois a empresa não enviava os seus químicos.

Discussão propriamente [...] de quanto a Klabin poluía, o quanto isso era impactante nunca tivemos. Sempre quando tínhamos uma reunião, palestra ou seminários convidávamos a Klabin, freqüentemente mandava gente para assistir. Nessas reuniões eram colocadas publicamente essas discussões. A Klabin não tinha formação técnica para acompanhar uma discussão, geralmente eram uma pressão

administrativa ou das relações públicas que vinham, [...]. A Klabin tinha químicos, mas era mais importantes esses químicos ficarem nas empresas. (SOARES, 2010).

O Jornal Notícia da UEL (1991) mostra que, após dezoito meses de existência do projeto, a primeira fase foi concluída. Nesta etapa, o objetivo era reunir informações a respeito da fauna e da flora do ecossistema da bacia do Rio Tibagi. Parece que durante o desenvolvimento desta etapa, a Klabin foi a única financiadora, repassando à universidade mais de 300 mil dólares. Com parte desse dinheiro doado pela empresa, mais o empréstimo de maquinários pela prefeitura de Cambé, foi construído o centro de piscicultura da UEL, com o objetivo principal de estimular “cultivo de espécie de peixes nativos”<sup>11</sup>, como também servir de fonte para os municípios da bacia do Rio Tibagi. O relatório de atividade da primeira fase foi apresentado na cidade de Telêmaco Borba, região onde está sediada a empresa de celulose Klabin, considerada a parte mais poluída da bacia pelos resíduos industriais. Segundo Medri, coordenador do projeto na época, em uma entrevista dada ao Jornal Notícia da UEL, as metas da primeira fase do projeto foram cumpridas.

Segundo Moacir Medri, o coordenador geral da pesquisa que a UEL desenvolve dentro do projeto maior, os objetivos desta primeira fase foram cumpridas, com coleta de uma grande diversidade de informações sobre a fauna e a flora da bacia. Estes dados subsidiarão as próximas etapas, quando começara efetivamente a recuperação do ecossistema da região. (Jornal Notícia UEL, 1991, p.7).

A segunda etapa do projeto foi desenvolvida em seis anos e teve como objetivo detectar os principais impactos ambientais presentes no ecossistema da bacia do Rio Tibagi. Segundo Soares, em uma entrevista dada ao Jornal Notícia da UEL, as pesquisas realizadas constataram poluição industrial em várias partes da bacia do Rio Tibagi. Segundo a reportagem do Jornal Notícia da UEL, de junho, de 1994, foi na segunda fase do projeto que a universidade assinou o convênio com o Unibanco Ecologia<sup>12</sup>, recebendo um total de 10 mil dólares em quatro parcelas, para melhorar o viveiro de mudas nativas da agronomia, com o plantio de mais de 60 mil mudas. A Klabin, por sua vez, nesta fase repassou ao projeto mais de 100 mil dólares. Com parte deste dinheiro foi construído um viveiro de mudas nativas florestais, com objetivo de ajudar na reconstrução das matas ciliares da Bacia do Rio Tibagi. A construção do viveiro tinha como objetivo ajudar outros municípios a construírem os seus próprios. No final da segunda etapa do projeto, já com o terceiro coordenador Luiz dos Anjos, o projeto Tibagi começa a contar também com o apoio financeiro da Finep<sup>13</sup>, que buscou destinar R\$ 499.202.208 mil reais para serem gastos em dois anos.

Em 1997, o Projeto Tibagi entrou em sua última fase. Nesta etapa, foram aplicados modelos de conservação e recuperação da biodiversidade da bacia. Segundo Soares, a empresa Klabin começou a diminuir o seu apoio financeiro ao projeto até parar de vez. Isso porque a Klabin “havia avançado em outra situação de ecologia, a visão de ecologia já tinha sido manipulada” (SOARES, 2010). Podemos considerar que a fábrica estava deixando de investir na preservação do meio ambiente longe de seus muros, para investir em ecologia dentro da própria empresa e ao seu redor.

Os funcionários passaram a não andar mais com aqueles macacões cheio de graça, o chão não estava mais escorregadio vamos dizer coisas assim, então eles passaram a investir muito em caldeiras com menos gasto de energia, processos menos poluentes. [...]. O próprio em torno da fábrica passaram investir muito, dando uma certa assistência aquilo que parecia ser uma favela na beira do rio, para recuperar as margens do rio próximo ao terreno da Klabin. (SOARES, 2010).

Outro motivo que teria levado a Klabin a interromper os investimentos no Projeto Tibagi, seria porque à maioria dos sub-projetos criados pelos pesquisadores da UEL focou as suas análises na região do baixo Tibagi, ou seja, na parte da bacia mais próxima da cidade de Londrina, não se preocupando muito com a região do alto Tibagi, onde está localizada a

Klabin. Para os pesquisadores da UEL, a Klabin queria investir em pesquisa e por isso, não tinha que se importar com o lugar a ser analisado.

[...] em inúmeras reuniões o presidente da Klabin colocou, para que ele iria investir dinheiro em Londrina, como ele iria justificar aos seus acionistas o investimento em um projeto que mais enfocava as pesquisas na cidade de Londrina. Era necessário que o projeto ficasse mais centrado na região de Telemaco Borba município da Klabin [...], pois a sua preocupação era comercial. (SOARES, 2010).

Além da Klabin, o Finep também parou de financiar o projeto. Neste período os pesquisadores da UEL passaram a contar somente com o apoio financeiro do programa RHAIE e da CNPq, que liberou um valor de 247, 180 mil, referente a 36 bolsas de estudos, para ser utilizado em três anos pelos pesquisadores. O Jornal Notícia da UEL, de abril, de 1998, traz uma reportagem sobre a possibilidade de o Projeto Tibagi conseguir financiamento pelo PIE-Programa Integrado de Ecologia. No entanto, em nenhuma das entrevistas realizadas temos informação se realmente a universidade conseguiu este financiamento.

É visível, ao analisarmos algumas reportagens do Jornal Notícia da UEL sobre o Projeto Tibagi, que na sua terceira fase houve assembleias para discutir o seu futuro. Segundo Santos, os pesquisadores da UEL não queriam encerrá-lo; foram pensadas várias formas de dar continuidade, como criar um núcleo de pesquisa ou até montar uma ONG, no entanto, o projeto não tinha condições de continuar devido á falta de estrutura. Outro motivo que teria levado ao fim do projeto para Santos, foi o esfacelamento dos projetos de pesquisas, pois com a falta de recurso do Projeto Tibagi muitos pesquisadores, que trabalhavam no projeto buscaram financiamentos próprios. Até que em 2000, foi realizado um encerramento oficial organizado pelo terceiro coordenador, Luiz dos Anjos. Para Medri, o Projeto Tibagi, no decorrer dos seus doze anos, realizou tudo o que tinha sido combinado.

Quando chega ao final de doze anos a Klabin não compareceu com mais recursos então não podemos continuar mais o projeto. Mas aquilo que foi combinado foi cumprido mais não houve uma renovação de um teto para uma terceira etapa ou quarta etapa, agente vai ate ai com o projeto. (MEDRI, 2010).

Apesar da maioria das pesquisas do Projeto Tibagi ter focado a região do baixo Tibagi, como disse Soares. Ambos os coordenadores defende que muitas foram as contribuições do projeto para a recuperação e conservação de toda a bacia do rio, por que o projeto não se resumiu em um trabalho científico de coleta de dados da fauna e da flora, mas sim em um trabalho sócio-científico, pois o projeto, no decorrer do seu desenvolvimento, estendeu se á comunidade de vários municípios banhados pelo Rio, também por meio das ações do COPATI.

Todas as fontes analisadas neste trabalho trazem informações sobre as realizações do projeto. O Jornal Notícia em várias matérias fez menção aos resultados do projeto, noticiando o processo do reflorestamento da bacia, da despoluição do rio e conservação de seus recursos naturais. Já os coordenadores entrevistados além de citar os resultados já expostos acima, não se esqueceram do trabalho realizado no projeto, que se estendeu e envolveu a sociedade de vários municípios da bacia do Rio Tibagi. Segundo os pesquisadores, o Projeto Tibagi ajudou na formação de uma consciência ambiental entre os moradores de vários municípios, como também, contribui com o desenvolvimento de muitas pesquisas na universidade. Muitas dissertações, monografias, trabalhos e artigos científicos foram realizados a partir dos projetos de pesquisa sobre a bacia. Alguns dos relatórios do projeto foram transformados em livros e fazem parte do acervo da biblioteca da UEL; além desses relatórios, o professor Medri, no final do projeto, organizou um livro chamado “A Bacia do Rio Tibagi”, com a divulgação dos resultados das pesquisas, Neste livro há artigos sobre a fauna e flora da região, como também sobre os aspectos geológicos, hidrográficos, histórico e social. O trabalho destes

pesquisadores são documentos que permitem conhecer um pouco mais o projeto chamado “Aspecto da Fauna e Flora da bacia do Rio Tibagi”.

### Conclusão

Em Londrina foi possível perceber que o ideário da era da ecologia entrou na cidade no decorrer da década de 1970, devido aos problemas do abastecimento de água potável na região. A primeira associação ambientalista de Londrina, a APPEMMA (Associação Paranaense de Proteção e Melhoria do Meio Ambiente), foi criada neste mesmo período. Na década de 1980, as ações e denúncias contra a poluição da natureza começaram a se tornar mais significativas na cidade, pois neste período órgãos governamentais especializados, legislações específicas e associações sobre as questões ambientais foram criados. Foi neste contexto da “era da ecologia” na cidade de Londrina que surgiu, então, o Projeto Tibagi.

De acordo com as fontes, o projeto Tibagi surgiu na cidade de Londrina na década de 1980, em virtude, principalmente, de duas motivações: a primeira é fruto de campanhas políticas e envolveu os agentes que levaram à formação do Consórcio de Municípios do Rio Tibagi- COPATI, em setembro 1989; a segunda motivação foi resultado das políticas ambientais, que afetaram diretamente a empresa de celulose Klabin. O COPATI, criado especialmente a partir do interesse do prefeito de Ibiporã, José Maria Ferreira, devido à falta de peixe na região do baixo Tibagi, teria sido o fator inicial que levou à formação do Projeto Tibagi mais tarde. Este prefeito, após contactar a universidade Estadual de Londrina, começou a receber apoio dos pesquisadores para realizar um plano de ação não só na região do baixo Tibagi, mas em toda a sua extensão, visando também a sua recuperação e conservação.

A participação da Klabin no Projeto Tibagi, segundo Medri teria sido uma imposição do Estado do Paraná, devido à sua insatisfação em relação à multa aplicada à empresa. Como foi possível perceber no decorrer do texto, o contexto do mercado mundial também pode ser visto como um dos fatores que teria levado a Klabin a investir em ecologia, pois neste período como nos mostrou Queiroz (2005), várias nações passaram a buscar instrumentos que possibilitassem o crescimento econômico e a preservação do meio ambiente em seus países, exigindo também de outras nações este compromisso, uma vez que suas populações, cada vez mais conscientes e engajadas nas questões ambientais, passaram a privilegiar produtos que causavam menos danos à natureza.

O projeto foi montado pelos pesquisadores do departamento de Biologia Animal e Vegetal da UEL para ser desenvolvido em três etapas, com a duração de doze anos. Como nos disse o professor Striquer ao projeto foi estimado um valor de um milhão para seu desenvolvimento, tendo como financiadora inicial a empresa de celulose Klabin e, mais tarde, a Finep e o Unibanco Ecologia. Foi possível perceber, por meio do Jornal Notícia da UEL, o uso que a Klabin fazia deste recurso de divulgação de ideias para construir uma imagem de instituição preocupada com o meio ambiente, pois em nenhuma reportagem do Jornal, sobre o projeto, temos informações claras dos motivos que levaram à sua participação.

Tanto nas entrevistas com os coordenadores como nas reportagens do jornal Notícia, ambos vinculados à universidade, temos muitas informações a respeito das realizações positivas dos trabalhos destes pesquisadores, dos objetivos alcançados nas três fases do projeto, dos vários trabalhos científicos produzidos e das importantes edificações para o desenvolvimento do projeto, como a estação de piscicultura e o herbário.

Talvez, segundo os depoimentos, podemos considerar que a desistência da Klabin em relação ao projeto ocorreu porque, o Projeto Tibagi focou as suas pesquisas no baixo Tibagi, no entanto a Klabin, a principal financiadora, almejava resultados significativos na região do alto Tibagi onde estava localizada a sua fábrica. O projeto, não atingindo as expectativas da

empresa, deixa de ser financiado por ela, o que compromete o seu desenvolvimento, tendo que chegar ao fim após a sua terceira fase. O outro possível fator que teria contribuído com o final do projeto foi o fato de a empresa ter construído uma nova visão de ecologia, uma vez, que a própria empresa podia manipular, pois ela passou a investir em ecologia dentro dos seus próprios muros e ao seu redor.

Com esta pesquisa, não pretendemos esgotar todas as hipóteses ou caminhos a serem explorados. Temos consciência de que há muito a ser pesquisado e muitas lacunas a serem preenchidas. No entanto, devido ao tempo para realizar as pesquisas e as fontes inicialmente disponíveis, este trabalho procurou mostrar somente um histórico do Projeto Tibagi. Entretanto, outras pesquisas serão realizadas com novas fontes incorporadas, com o objetivo de responder a futuras indagações.

### Referências

NOTTINGHAM, Patricia Carvalho. *Tempos verdes em fortaleza: experiências do movimento ambientalista (1976-1992)*. Ceará, 2006. p. 203. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, 2006.

QUEIROZ, Fábio Albergaria de. Meio ambiente e comércio na agenda internacional: a questão ambiental nas negociações da OMC e dos blocos econômicos regionais. *Ambiente e Sociedade*. v.8, n°2, p. 21-28, jul./dez. 2005.

STIPP, Nilza A. F. Principais Tipos de solo da bacia do Rio Tibagi. In: *A bacia do Rio Tibagi*. Moacyr E. Medri (org.), Londrina, 2002, p.39-45 .

### Entrevistas

MEDRI, Moacyr Eurípedes. Projeto Tibagi. Entrevista concedida a Gilmar Arruda, set. 2010.

SOARES, Francisco Striquer. Projeto Tibagi. Entrevista concedida a Gilmar Arruda, agosto. 2010.

### Jornais

Campanha pelo Tibagi é lançada em Iporã. *Jornal Notícia UEL*, Londrina, 19 set./ 4 out. 1989.

Novo Impulso. *Jornal Notícia UEL*, Londrina, 15 dez./ 30 dez. 1989.

O rio sob lupa. *Jornal Notícia UEL*, Londrina, 10 jul. 1991.

UEL faz relatório do Projeto Tibagi. *Jornal Notícia UEL*, Londrina, 30 nov. 1993.

Klabin doa verba para viveiro de mudas na UEL. *Jornal Notícia UEL*, Londrina, 15 jul. 1994.

Projeto Tibagi promove debates para avaliar objetivos e ações. *Jornal Notícia UEL*, Londrina, 29 mai. 1995.

Projeto Tibagi propõe integração. *Jornal Notícia UEL*, Londrina, 20 mai. 1998.

Projeto Tibagi esta sendo reavaliado. *Jornal Notícia UEL*, Londrina, 22 mar. 2000.

<sup>1</sup> Plano Diretor. Disponível em: <[http://www.uel.br/proplan/plano\\_diretor](http://www.uel.br/proplan/plano_diretor)>. Acesso em: 4 set. 2010.

<sup>2</sup> COPATI. Disponível em:< <http://www.copati.org.br/default/default.asp>>. Acesso em: 4 set. 2010.

<sup>3</sup> História da Klabin: Disponível em: <http://www.klabin.com.br>>. Acesso em: 4 set. 2010.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Moacyr Eurípedes Medri é professor da Universidade Estadual de Londrina desde a década de 1980, atua na área de Botânica com ênfase em Anatomia Ecológica. Foi o primeiro coordenador do Projeto Tibagi, ajudou na elaboração e no desenvolvimento inicial do projeto, foi coordenador por quatro anos (1989-1993).

<sup>6</sup>No ano de 1992 ocorreu a fusão da Superintendência dos Recursos Hídricos e Meio Ambiente (SUREHMA) e do Instituto de Terras Cartografia e Florestas (ITCF), o que deu origem ao atual Instituto Ambiental do Paraná (IAP), hoje vinculado à Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMA).

<sup>7</sup> Francisco Striquer Soares é professor da Universidade Estadual de Londrina desde 1982, atua na área de Ecologia, com ênfase em Ecologia de Ecossistemas; foi o segundo coordenador, realizando atividades no projeto por quatro anos (1993-1997).

<sup>8</sup> O Jornal Notícia da UEL foi fundado e funciona desde 1979, com objetivo de divulgar as realizações da universidade para a comunidade acadêmica. Hoje, o jornal possui uma tiragem de 5.000 exemplares, ficando a responsável a Coordenadoria de Comunicação Social.

<sup>9</sup> Projeto Tibagi. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/tibagi/>>. Acesso em: 25 set. 2010.

<sup>10</sup> O Unibanco Ecologia foi criado em março de 1991, com o objetivo de apoiar ações de recuperação e preservação do meio ambiente.

<sup>11</sup> Projeto Tibagi. Disponível em:< <http://www.uel.br/projetos/tibagi/>>acesso em: 25 set. 2010.

<sup>12</sup> O Unibanco Ecologia foi criado em 1991, com o objetivo de apoiar ações de recuperação e preservação do meio ambiente.

<sup>13</sup> Financiadora de Estudos e projeto - FINEP, foi criada em 1967 com o objetivo de promover o desenvolvimento técnico-científico do Brasil.